

Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice

Temporal body and timeless sexuality: a conflict in old age

Cuerpo temporal y sexualidad atemporal: un conflicto en la vejez

Recebido: 08/06/2022 | Revisado: 19/06/2022 | Aceito: 23/06/2022 | Publicado: 04/07/2022

Fabiane Petean Soares de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7171-1964>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: fabiane.petean@gmail.com

Leny Nunes Louzada Dutra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9915-4864>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: lenylouzada47@gmail.com

Lucas Felix Novaes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0410-1717>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: lucasfelixn@gmail.com

Isabela Silva Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4298-0161>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: isabela_sfernandes@outlook.com

Guilherme Carlos Brech

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0403-0632>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: guibrech@gmail.com

Rodrigo Jorge Salles

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0485-4671>
Universidade São Judas Tadeu, Brasil
E-mail: rodrigojsalles@hotmail.com

Resumo

Envelhecer implica em alterações no corpo, em contraponto com outros elementos que não se alteram com o tempo, como a sexualidade. Isso acontece pois é possível tomar notas de dois tempos - cronológico e kairológico. O corpo acompanha o ritmo cronológico, e a sexualidade, tomada em seu sentido amplo, não segue uma marcação temporal. Diante deste paradoxo, o objetivo dessa pesquisa foi compreender a dualidade vivenciada na velhice, na qual há um corpo que se altera com o envelhecimento, enquanto o desejo não se modifica. A partir de um estudo teórico, baseado em uma revisão conceitual, o percurso metodológico ocorreu na seguinte ordem: uma breve compreensão filosófica sobre o tempo; uma descrição sobre o corpo no envelhecer; conceitualização da sexualidade na velhice; e no último tópico, as ideias apresentadas foram aglutinadas, pensando as diferenças entre os gêneros na vivência da sexualidade na velhice. Foi adotado o referencial psicanalítico como base para a discussão. Com as alterações do corpo masculino e feminino, muitos acreditam que com a ereção mais flácida no homem e uma mulher que iniciou a menopausa, a sexualidade e desejo está fadado ao fim. A pessoa idosa por não ter mais o corpo reconhecido socialmente, vai deixando de ser vista como objeto de desejo. Porém, ser velho é ser desejanter, mas a sociedade condena essa perspectiva devido ao tabu de serem assexuais. Assim, muitos idosos acabam reprimindo suas manifestações de prazer por não conseguirem compreender qual seu papel nesta etapa da vida.

Palavras-chave: Envelhecimento; Saúde do idoso; Sexualidade; Psicanálise.

Abstract

Aging implies body changes, in contrast to other elements that do not change over time, such as sexuality. This happens because it is possible to notice two distinct times - chronological and kairolological. The body follows the chronological rhythm, and sexuality, considering its broad sense, does not follow a temporal marking. Faced with this paradox, the objective of this study is to understand the duality experienced in old age, in which there is a body that changes through aging, while desire does not. Based on a theoretical study, from a conceptual review, the methodological course took place in the following order: a brief philosophical understanding of time; a description of the aging body; conceptualization of sexuality in old age; and in the last topic, the ideas presented were brought together, reflecting upon the perspective of the different experience of sexuality between genders in old age. The psychoanalysis theory was the reference adopted to support the discussion. As the male and female body changes, many believe that with the recurrence of flaccid erection in men and women who have started menopause, sexuality and desire is doomed to an end. Elderly people no longer have their body socially recognized and are no longer seen

as objects of desire. However, being old is to be desiring but society condemns this perspective due to the taboo of sexualizing seniors and, as a result, making them be seen as asexuals. Thus, the elderly end up repressing themselves as manifestations of pleasure for not understanding their role in this stage of life.

Keywords: Aging; Health of the elderly; Sexuality; Psychoanalysis.

Resumen

El envejecimiento implica cambios en el cuerpo, a diferencia de otros elementos que no cambian con el tiempo, como la sexualidad. Esto sucede porque es posible tomar notas de dos tiempos: cronológico y kairológico*. El cuerpo sigue el ritmo cronológico y la sexualidad, en su sentido amplio, no sigue una marca temporal. Frente a esta paradoja, el objetivo de esta investigación fue comprender la dualidad vivida en la vejez, en la que hay un cuerpo que cambia con el envejecimiento mientras el deseo no cambia. A través de un estudio teórico, basado en una revisión conceptual, el curso metodológico ocurrió en el siguiente orden: una breve comprensión filosófica del tiempo; una descripción del cuerpo al envejecer; conceptualización de la sexualidad en la vejez; y en el último tema, se reunieron las ideas presentadas, considerando las diferencias entre los géneros en la vivencia de la sexualidad en la vejez. La referencia adoptada para apoyar la discusión fue el psicoanálisis. Con los cambios en el cuerpo masculino y femenino, muchos creen que con la erección más flácida en el hombre y con la mujer entrando en la menopausia, la sexualidad y el deseo están condenados a su fin. El anciano, por no tener el cuerpo socialmente reconocido, ya no es visto como objeto de deseo. Sin embargo, ser viejo es ser deseado, pero la sociedad condena esta perspectiva debido al tabú de ser asexual. Así, muchos ancianos terminan reprimiendo las manifestaciones de placer en la vida porque no logran comprender su papel en esta etapa de la vida.

Palabras clave: Envejecimiento; Salud del anciano; Sexualidad; Psicoanálisis.

1. Introdução

O aumento de idosos é um fato mundial que inclui a realidade brasileira. Em 2018, o índice de envelhecimento, que é o cálculo entre a relação da porcentagem do número de jovens com a dos idosos, era de 43,19%. A projeção é que em 2060 esse índice passe a ser 173,47%. Por esse motivo é visível a inversão da pirâmide etária com o alongamento do topo, representando o aumento na população idosa, e o estreitamento da base (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018).

Esse novo cenário traz a necessidade de dialogar sobre assuntos pertinentes a esse período de vida, uma vez que envelhecer é um processo natural que culmina em alterações fisiológicas, físicas e psíquicas (Costa et al., 2015; Nicolato et al., 2017). Por outro lado, ainda que as alterações decorrentes do envelhecimento sejam esperadas, sua presença pode influenciar na construção e perpetuação de estigmas sobre a velhice, principalmente quando pensada à sexualidade nesta etapa da vida.

Ainda hoje é comum os idosos serem vistos como seres adoecidos ou infantis, desapropriados de desejo (Mucida, 2019; Uchôa et al., 2016). Engana-se quem imagina que a velhice é sinônimo de aposentadoria da sexualidade, pois esta última se faz presente durante toda a vida do sujeito, como propôs Freud (1905/1996) na sua obra “Três Ensaios Sobre a Sexualidade”. Assim, ainda que o corpo sofra alterações do tempo e carregue as marcas do viver, os sentimentos e desejos não envelhecem (Mucida, 2019).

Desta forma, pode-se imaginar que o idoso vivencia um paradoxo: um corpo que de alguma maneira amadurece e envelhece, em contraponto ao seu desejo, que não acompanha o ritmo das alterações fisiológicas. Portanto, a partir de um estudo teórico baseado em uma revisão conceitual, o objetivo desta pesquisa foi compreender as relações entre corpo e sexualidade na velhice, analisando os conflitos presentes na relação entre as alterações fisiológicas próprias a esta etapa da vida e a presença de desejos que se mantêm vivos ao longo do envelhecimento.

2. Metodologia

A presente pesquisa é um estudo teórico, baseado em uma revisão conceitual. A pesquisa teórica se ocupa da revisão de teorias, conceitos, ideais sociais e culturais, entre outros pilares, permitindo aprofundar e aperfeiçoar as discussões sobre um determinado tema (Demo, 2000).

O percurso metodológico seguiu a respectiva ordem: uma breve compreensão filosófica sobre o conceito de tempo e seus significados; uma descrição sobre o corpo no envelhecer; conceituação da sexualidade na velhice; e no último tópico foram aglutinadas as ideias apresentadas, buscando compreender a dualidade apresentada no objetivo do estudo, ponderando também as diferenças entre o feminino e o masculino. Foi adotado como referencial teórico para discussões, a teoria psicanalítica. Ademais, por se tratar de um trabalho teórico, optou-se por estruturá-lo em subtópicos para melhor explanação das discussões.

3. Resultados e Discussão

3.1 O tempo e seus significados

É com a música de Lulu Santos que esse tópico se inicia - Tempos Modernos. Essa canção, composta em 1982, diz que “o tempo voa, escorre pelas mãos, mesmo sem se sentir”. Mas de qual tempo essa música está se referindo?

A temporalidade cronometrada veio à tona com a Revolução Industrial, e é o tempo marcado e controlado pelos relógios. Entretanto, outra acepção sobre o tempo é concebida a partir da percepção individual de sua passagem, sendo subjetiva e singular. Ambos os tempos não necessariamente seguem o mesmo ritmo, principalmente ao se pensar na sociedade ocidental, em que devido ao imperativo de produção e consumo, o tempo interno está cada vez mais distanciado do tempo cronometrado (Martins et al., 2012). Até por isso é comum ouvir falas como, “o mês passou e eu nem vi!”; “Antigamente parecia que o tempo não passava rápido desse jeito!”, entre outras.

Assim, há um tempo externo e um tempo interno, sendo o primeiro mais objetivo e o outro de natureza subjetiva. No entanto, é interessante ressaltar que apesar da existência do tempo objetivo, ainda assim ele carece de objetividade. As leituras filosóficas trazem a menção da inexistência de um tempo estritamente objetivo, pois articulam a ideia de que as sequências de eventos passados, presentes e futuros são demarcadores do tempo, que estão automaticamente atrelados à subjetividade de cada ser (Sousa, 2018). Dessa forma, o tempo objetivo é, concomitantemente, subjetivo.

Por outro lado, a compreensão de tempo também pode ser explanada pelos legados da mitologia grega. O Mito de *Kronos* conta sobre o filho caçula de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra): *Kronos*. Urano tinha o ímpeto da criação de maneira descontrolada e desordenada, sendo descrito na mitologia como um tirano impiedoso. Diante deste cenário, *Kronos* destituiu o pai de seu trono e o castrou (Gonçalves & Vieira, 2010). Urano profetizou que o mesmo aconteceria com *Kronos*, estando também condenado a ser destronado pelo seu próprio filho (Archangelo et al., 2020). Diante dessa profecia, *Kronos*, casado com Réia, sua irmã, passou a devorar todos os filhos no intuito de evitar a concretização da profecia de Urano. Cansada de ter seus filhos devorados, Réia foge para a ilha de Creta e dá à luz a Zeus, que retorna e cumpre a profecia de Urano, destronando *Kronos* e encerrando a era mítica dos Titãs (Gonçalves & Vieira, 2010).

Sobre o destronamento de Urano et al., (2010) afirmam que:

“Ao mesmo tempo em que a fertilidade de Urano inicia as gerações, também é percebida como uma potência destrutiva que precisa ser controlada e interrompida. Esta é a função de *Kronos*, agente da vontade de Gaia e carrasco de Urano. Ao castrar o pai, *Kronos* separa Céu e Terra, dissipa a ameaça de retorno ao caos inicial (Gonçalves & Vieira, 2010, p. 5-6).”

Em um sentido simbólico, o mito de *Kronos* expõe a relação ao mesmo tempo cíclica e transitória do tempo, desde o nascimento e o início de um reinado à castração e a perda da posição como patriarca. *Kronos* passa a personificar o tempo cronológico e objetivo, que comporta a ideia de um espaço limitado, marcado por um começo e um fim, tal como os dias, as horas, os anos e as estações (Archangelo et al., 2020). Já *Kairós*, o deus do tempo oportuno - neto de *Kronos* e filho de Zeus, personifica na mitologia grega o tempo não sequencial. Era um jovem que tinha asas nos pés que perambulava velozmente

pelo mundo de forma aleatória e descontínua, podendo estar em diferentes espaços simultaneamente, representando, portanto, o tempo do momento oportuno, subjetivo e não linear (Martins et al., 2012; Ribeiro, 1962).

Assim *Kronos* simboliza o tempo objetivo e mensurável enquanto *Kairós* personifica um tempo que é subjetivo, não linear e descontínuo, que varia para cada sujeito. É possível observar que as duas acepções mitológicas sobre o tempo estão presentes na trajetória de vida dos indivíduos, refletindo-se no processo de envelhecimento humano. Há elementos que tange a uma ordem subjetiva, que não se alteram pelo motivo do envelhecer, pertencendo a um tempo kairológico, como por exemplo os desejos. Porém, o corpo biológico segue o ritmo de *Kronos*, pois todas as mudanças provocadas ocorrem devido à passagem do tempo.

3.2 Tempo, corpo e velhice

O tempo acontece, seja no registro de *Kronos* ou *Kairós*, e o corpo responde a essa trajetória. Segundo Levin (1995),

a palavra corpo provém, por um lado, do sânscrito *garbas*, que significa embrião e, por outro, do grego *karpós*, que quer dizer fruto, semente, envoltura, e por último, do latim *corpus*, que significa tecido de membros, envoltura da alma, embrião de espírito (p. 22).

Desde as discussões propostas na Grécia antiga o corpo traz uma história, pois até o final do século XVIII, era nele onde ficavam expostos os adereços, armas, entre outros elementos característicos dessa época, demonstrando a qual estratificação social o sujeito pertencia. Já a partir do advento da burguesia, a subjetividade passa a ser considerada e o corpo físico passa também a ser morada de um corpo que sente, deseja e possui seus valores (Mezan, 2008). O corpo passa a ser significado a partir de uma perspectiva ampla e complexa, percorrendo pelo contexto cultural, político, biológico, entre outros, incluindo o registro no campo das discussões sobre gênero e sexualidade (Fuks, 2008).

Assim como o conceito de corpo se modificou ao longo da história, a relação de cada pessoa com o próprio corpo também se altera enquanto sua própria experiência em vida. Com o processo de envelhecimento, o corpo é marcado por algumas modificações, sejam elas fisiológicas e físicas, desde o surgimento (ou intensificação) dos quadros de dores, até alterações na pele, como as rugas (Santos et al., 2019). Esse processo torna-se subjetivo pelo caráter individual contido na forma com que cada um lida com essa etapa da vida, visto que cada sujeito é produto da interação entre o contexto sócio, histórico e cultural (Neri, 2013). Quando a doença se faz presente pode provocar alterações na integralidade do corpo envelhecido, suscitando sentimento de perda e de mudanças nos padrões sociais e culturais, interferindo em suas subjetividades (Almeida & Bastos, 2017).

Além do mais, o corpo velho também é colocado na posição de invisível. A sociedade esconde sua existência, não querendo presenciar aquilo que confronta o ideal de beleza calcado pela juventude (Mucida, 2019). Portanto, a vivência da velhice, quando não é analisada, acaba por ser silenciada. Basta examinar as propagandas na televisão e *internet* e notar quantos idosos são tradicionalmente encarregados de divulgar medicações, tratamentos e planos de saúde, reforçando estereótipos entre velhice, vulnerabilidade e adoecimento. São raras as ocasiões em que o idoso tem a sua estética valorizada. É fácil notar que quando isso ocorre, o parâmetro adotado é o de um jovem adulto. Ou seja, há valorização e representação de uma parcela muito pequena das pessoas que experienciam a terceira idade.

De acordo com Birman (2015), a figura do velho está atrelada a uma ausência de reconhecimento simbólico e perda de funcionalidade social. Este fenômeno leva o idoso a um processo de transformação na sua relação com a temporalidade, uma vez que não consegue planejar um futuro e vê o presente em claro declínio. Com isso, para o autor, o retorno ao passado se dá como uma busca por se reencontrar como sujeito, já que, neste período, há o reencontro simbólico com aquilo pelo qual era reconhecido. Corroborando com essa linha de raciocínio, Kehl (2003) aborda uma dimensão do corpo, como um corpo

social, o corpo próprio como corpo do Outro, ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um. Para Kehl (2003), o corpo pertence ao indivíduo muito menos do que imagina-se. O corpo pertence ao universo simbólico que habita, pertencendo ao Outro; e o corpo é formado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se construir. O Outro marca um lugar simbólico que ultrapassa o próprio sujeito. Pode-se dizer que a cultura, a família, as relações que se estabelece com os outros, constituirão o sujeito ao longo de sua existência (Kehl, 2003).

Assim, fazer as pazes com a velhice e com o corpo envelhecido é aceitar que tal processo é inerente e destino de todos aqueles que não morrerem jovens (Mucida, 2019). No entanto, essa certeza muitas vezes assusta. Sobre esse temor, Beauvoir (1990) já dizia que “é uma surpresa, um assombro, perceber-se velho.” (p. 35). Ser velho é tornar-se um estrangeiro em seu próprio corpo, por não reconhecer o que vê em seu reflexo. Sigmund Freud traz em um dos seus textos, “O estranho” (1919/1996), a sua experiência particular de assombro com a velhice. Freud estava no trem e ao ver na janela da porta um idoso, assusta-se achando que este entraria no seu compartimento, porém assusta-se mais ainda ao notar que esse idoso era a sua própria imagem refletida no vidro (Freud, 1919/1996). Goldfarb (2006) nomeou esse tipo de experiência de espelho negativo, em que o reflexo traz a mensagem de declínio físico e não mais a esperança da juventude.

Para a psicanálise, o corpo vai além da materialidade física e objetiva, englobando dimensões subjetivas do sujeito (Paim & Kruehl, 2012). Nesta dimensão, o corpo que tem significado é o corpo sentido, ou seja, aquilo que o sujeito vivencia em relação ao seu corpo, suas percepções, representações, investimentos libidinais e fantasias mentais (Nasio, 2009). As experiências vão formando uma história que se inscreve no corpo, sendo então o corpo também um elemento identitário ao longo de todo o viver (Goldfarb, 1998).

A construção da identidade subjetiva do próprio corpo se liga com a sexualidade de maneira intimista. A imagem de si na velhice, assim como em outras fases da vida, está atrelada aos processos de identificação construídos a partir do outro e com participação dos ideais culturais. A sociedade dita que o idoso não é alguém que deve investir libidinalmente no mundo e que o mundo também não deve investi-los. Quando isto acontece, “Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens: o amor, o ciúme, neles parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante (...)” (Beauvoir, 1970, p. 8).

Os idosos, quando se permitem continuar vivendo sua sexualidade, são taxados de assanhados, pervertidos, entre outros estereótipos. A própria ciência se ausenta nesta temática, pois a maioria dos estudos percorrem as escritas sobre as disfunções sexuais do homem e da mulher na terceira idade, corroborando para os leigos o mito da assexualidade do idoso (Vieira et al., 2016).

As alterações corporais na velhice são tidas como naturais e esperadas, e não como anormais e patológicas, como a palavra disfunção pode dar a entender (Soares & Meneghel, 2021). No corpo do homem são esperadas algumas alterações. Chung (2019) sublinha que a função sexual entre homens mais velhos diminui como parte da biologia normal do envelhecimento, apesar do fato de que a sexualidade continua sendo uma questão importante para os idosos. Para o autor, a disfunção sexual no homem idoso é de natureza multifatorial, com o desenvolvimento e/ou progressão de comorbidades médicas, muitas vezes resultando em declínio na função sexual masculina e má resposta ao tratamento. Já no corpo da mulher, o registro mais representativo e natural é a menopausa, que marca o fim da ovulação. Antes de chegar nesse período, a mulher passa por uma fase transitória chamada de climatério. Nesse momento é comum alguns sintomas como ondas de calor, ressecamento vaginal, infecções urinárias recorrentes, entre outros (Alencar et al., 2013).

Oliveira et al., (2021) sublinham que “embora o corpo envelheça, os idosos mantêm a capacidade de amar, de trocar olhares apaixonados, beijos, abraços e carícias até o fim da vida” (p. 1078). Os autores apontam que a ideia de que as pessoas perdem suas habilidades sexuais à medida que envelhecem é um conceito que pode estar equivocado, pois, embora haja uma

diminuição da frequência das atividades sexuais não significa fim da expressão ou do desejo sexual (Oliveira et al., 2021). Assim, há algo que não se altera no sentido do declínio: o desejo por desejar e por ser desejado.

3.3 Velhice, desejo e sexualidade

Conforme a canção de Lulu Santos anteriormente mencionada - “o tempo voa, escorre pelas mãos, mesmo sem se sentir” - o corpo vai sendo esculpido com algumas perdas e com outros ganhos. O corpo pode até sofrer declínios, mas os sentimentos, desejos e afetos não, pois estes são atemporais. Assim, o desejo, que inclui a dimensão sexual, não segue o tempo de *Kronos*. Mesmo que existam alterações físicas decorrentes do processo de envelhecimento, como as mencionadas no tópico anterior, sua presença não anula a existência do mundo interno (Mucida, 2019).

A sexualidade não é apenas o ato sexual em si, pois sua manifestação independe do intercurso sexual, mas sim de diversos fatores como contatos físicos, carícias, conversas, sensualidade, um conjunto de atos que não são apenas a penetração (Silva et al., 2021). A palavra sexualidade é entendida erroneamente como sinônimo de ato sexual, entretanto, existem diferenças entre o conceito de sexualidade, ato sexual e penetração. O termo sexualidade diz respeito a uma forma de se expressar e estar no mundo de forma prazerosa (Falcão Junior et al., 2007). Esta compreensão corrobora com a perspectiva psicanalítica sobre a sexualidade, teorizada por Freud (1905/1996) na sua obra “Três Ensaios Sobre a Sexualidade”. Para Freud (1905/1996) desde a primeira infância o sujeito possui uma energia, chamada de pulsão, que o move enquanto ser de corpo e psiquismo. Assim, diante de uma excitação, seja ela interna ou externa, existirá uma busca pelo prazer e a evitação do desprazer. Esses estímulos que exaltam o indivíduo podem acontecer em diferentes zonas erógenas, como a pele, não sendo, portanto, restrita aos órgãos genitais (Freud, 1905/1996, 1940/1996).

Já os atos sexuais envolvem a masturbação, carícias e também a penetração. É importante ressaltar que sexo não é sinônimo de penetração, pois as práticas sexuais podem ocorrer de diversas formas, não se referindo apenas ao coito (Falcão Junior et al., 2007). Assim, diante do que foi exposto fica evidente o quão amplo é o conceito de sexualidade. Para Gomes e Madureira (2018), a reinvenção constante da própria existência do idoso enquanto ser de desejos é um exercício de legitimidade do ato de ser e estar vivo, e que, para isso, não há idade que seja mais, ou menos, apropriada. Ou seja, os sonhos e desejos permanecem com as pessoas ao longo da vida.

Os desejos permanecem com as pessoas ao longo da vida, pois são impulsos produzidos pelo mundo subjetivo de cada um, juntamente com a contribuição do sistema límbico e hipotalâmico, diante de estímulos, sejam eles externos e/ou internos (Lech & Martins, 2003). No campo psicanalítico, Freud (1900/1996; 1920/1996) definiu o desejo como o ato de movimentar-se ao encontro de um registro mnêmico, o qual já teve uma satisfação, visando reeditar a experiência satisfatória no momento presente. Assim, o desejo habita uma ordem de um mundo subjetivo. Logo, os impulsos desejosos e os sonhos podem ser realizados a qualquer momento e idade, não existindo prazo de validade para vivenciar o prazer, para vivenciar a sexualidade, confirmando a atemporalidade desses aspectos (Mucida, 2019).

Entretanto, as consequências da difusão do mito da assexualidade na velhice não são apenas subjetivas, representando também um problema no campo da saúde pública, dada a incipiência de discussões sobre a educação sexual e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) nesta etapa da vida. É notório que vem aumentando o número de DSTs entre idosos, como por exemplo os casos de HIV, que aumentaram em 41% entre 1998-2010 (Dornelas Neto et al., 2015). Já comparando entre o ano 2000 a 2016, no início do século haviam quase 5000 mil casos registrados, passando a totalizar mais de 28000 no ano de 2016 (Aguiar et al., 2020). A presença de outras DSTs em idosos também vêm aumentando, mas há uma grande subnotificação de casos no Brasil (Dornelas Neto et al., 2015).

Em território nacional, a população idosa tem sido excluída das políticas públicas sobre educação sexual. As justificativas dadas para o aumento de DSTs estão sempre em torno do envelhecimento da população, havendo um acréscimo

do número de idosos. Outro ponto relevante desta análise se dá, pois, essas pessoas, no início da vida sexual não tiveram acesso a preservativos e à educação sexual, uma vez que o uso foi bastante incentivado apenas na década de 80, com o crescimento do número de casos de HIV/Aids. Além desses fatores, há a fantasia que velho não precisa de autocuidado por estar perto da finitude (Dornelas Neto et al., 2015; Pinheiro et al., 2013; Silva, 2020).

A educação sexual é um recurso que permite a construção de novos saberes, auxiliando na reflexão acerca do tema através do diálogo, da participação ativa e da construção de um ambiente acolhedor, influenciando na qualidade de vida e no autocuidado deste público (Lima et al., 2020). Apesar disso, a sexualidade na velhice ainda é um tema pouco explorado e embora os profissionais da saúde tenham domínio acerca do tema, há uma resistência na orientação aos idosos que por muitas vezes está relacionado à visão de fragilidade, lentidão e frigidez associadas à pessoa idosa. Nota-se uma perspectiva conservadora sobre a temática, incluindo a falta de reconhecimento de outras atividades sexuais, a exemplo da masturbação, como parte do contexto de sexualidade e manutenção em saúde (Evangelista et al., 2019).

Observa-se também que o tabu acerca do tema cria um constrangimento na abordagem da pessoa idosa. Muitas vezes o profissional da saúde sente-se inibido em conversar sobre a sexualidade, interpretando a atitude como desrespeitosa ou sentindo-se envergonhado e com medo de ser mal interpretado (Soares & Meneghel, 2021). Desta forma o assunto não passa a ser discutido por se sentirem desconfortáveis e então projeta-se um sentimento de desinteresse por parte do idoso a fim de justificar o silêncio sobre o assunto. Ademais esses profissionais também os enxergam como assexuados, atrelando a sexualidade como uma vivência exclusivamente para jovens intensificando a barreira sobre o tema (Gatti & Pinto, 2019; Oliveira et al., 2021).

A sexualidade na velhice ainda é um tema pouco explorado até mesmo na prática clínica da Estratégia Saúde da Família (ESF). Isto pode estar atrelado às poucas pesquisas sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e HIV em idosos, inibindo os profissionais a falar sobre a temática de forma assertiva e com menos inibição. Assim, fazem-se necessários mais estudos sobre práticas interventivas no campo da educação sexual para idosos, como rodas de conversas e grupos de reflexão sobre o tema (Silva et al., 2012; Gatti & Pinto, 2019; Evangelista et al., 2019). Desta forma, quebrar esse paradigma envolve compreender os idosos como cidadãos com direito à saúde integral em todos os níveis de sua complexidade, voltando a atenção para o processo de envelhecimento no planejamento de suas ações (Vello et al., 2014; Silva 2020).

3.4 Corpo cronológico *versus* sexualidade kairológica: um conflito

Segundo Alencar et al., (2013), existem dificuldades na aceitação da sexualidade no processo de envelhecer, já que, os idosos tiveram uma educação repressora, em que havia pouco diálogo a respeito de sexo. De acordo com Pascual (2002), a repressão em torno da sexualidade dos idosos ainda existe e está impregnada no imaginário social.

Freud (1905/1996), diz que a prática sexual entre adultos pode ser bem mais livre do que a opinião moralista de sua época poderia prever. De acordo com o autor, o desenvolvimento da sexualidade é longo e complexo, não estando somente associado à reprodução.

Desta maneira, pode-se compreender que o processo de envelhecimento em nada tem a ver com a ausência de desejo ou negação da sexualidade, uma vez que esta, é mais uma etapa do processo da sexualidade humana que deve ser vivenciada (Fávero & Barbosa, 2011). Desse modo, homens e mulheres trazem um corpo marcado pelo campo social e por sua experiência pessoal, sendo que cada gênero possui suas especificidades na relação com o corpo e seus desejos.

Os homens, ao se pensar nos mandamentos que existem no universo masculino, trazem suas marcas cronológicas. Socialmente é colocado para o homem que ele não pode chorar e esboçar seus sentimentos, e por isso a cada dez homens, sete não compartilham sobre o que têm medo e sobre suas inseguranças (Leite & Castro, 2019). Aos homens também é imposto o

imperativo de que devem sustentar e esbanjar virilidade sempre que possível. Quando assumem relacionamentos matrimoniais é dito o imperativo de que a responsabilidade de sustento da casa é dever masculino, pois é o homem o encarregado de prover a família. Inclusive algumas relações amorosas entram em crise quando a mulher ganha um salário maior que o marido. Desta forma, esse embotamento, que é despejado para os homens, vai aprisionando os sentimentos (Leite & Castro, 2019).

Diante das alterações fisiológicas decorrentes do envelhecimento, na velhice, o homem perde a potência sexual da juventude. Como produto do envelhecer, a impotência sexual pode ser uma consequência deste processo, e pelo motivo do órgão sexual ser muito evidenciado a partir da ideia errônea que sexualidade se resume apenas as genitálias, a falta de ereção é vista socialmente como o fim de uma vida sexual, aspecto que irá promover feridas narcísicas no imaginário masculino diante da impossibilidade de sustentar o ideal de virilidade imposto socialmente (Lima, 2018). Como consequência, uma crise identitária pode ser mobilizada por não saber exatamente qual seu papel e o seu espaço no mundo enquanto homem. Tal fato associa-se a outras dimensões, como a aposentadoria e a perda da identidade de trabalhador e provedor, aspectos que também constituem a noção de Eu do homem moderno (Chaves & Aquino, 2021; Silva, 2019).

Enquanto isso, para as mulheres, suas histórias e suas marcas vêm com uma maior repressão. Na década de 1960 as mulheres tiveram uma grande conquista, com a Revolução Sexual e o surgimento do anticoncepcional que poderia permitir uma maior liberdade sexual, vislumbrando o sexo como fonte de prazer e não apenas como um meio para a reprodução. No entanto, há uma teia de críticas, pois a mulher que fica responsável em por ingerir o medicamento, enquanto os homens não, e também pelo fato que entre os efeitos colaterais mais comum da pílula é a perda de libido. Assim, mesmo com estas conquistas, algumas mulheres seguiram desprovidas do direito de vivenciar o prazer de maneira livre (Wolf, 2018).

A sexualidade para as mulheres sempre foi um tabu em vista que ela deve assumir um papel de espera a ser escolhida, sendo ensinada como ser desejada ao invés de reconhecer o que ela própria deseja (Wolf, 2018). Na velhice, os estereótipos associados à condição feminina são agora associados a preconceitos relacionados ao envelhecimento em sua dimensão física. Há um temor em relação ao processo de envelhecimento feminino, pois a beleza está atrelada a aparência física. Goldenberg (2012) traz em seu estudo que o corpo da mulher é um capital no Brasil, e que diferentemente da Alemanha em que as idosas estão preocupadas com as vivências culturais, profissionais e do meio científico, no Brasil as mulheres são pressionadas pela manutenção de padrões estéticos na velhice, fazendo com que muitas desistam de sua sexualidade, se colocando como aposentadas em várias áreas de vida, incluindo a dimensão sexual (Goldenberg, 2012). Muitas mulheres se aprisionam em casa por se considerarem velhas, considerando-se feias e com sobrepeso, deixando de ocupar os espaços públicos (Goldenberg, 2018). Assim, como consequência, as idosas acabam assumindo os papéis impostos pela sociedade: submissas às suas famílias, fazendo seu crochê e cultivando amigas de longa datas, sem espaço para relações novas, se vendo impossibilitadas de usufruir da sua sexualidade (Risman, 2005; Souza et al., 2015).

Diante do que foi exposto é possível sublinhar o conflito que pode emergir para este idoso e idosa, pois se por um lado há um corpo que se altera e envelhece pela passagem natural do tempo, trazendo alterações físicas nas funções sexuais, por outro há o desejo e sexualidade que se mantêm vivos ao longo de toda a existência, seguindo um tempo kairológico e atemporal, no qual os desejos e sexualidade não segue uma ordem linear, estando presente no momento oportuno. Portanto, é necessário reconhecer o papel dos ideais, papéis e tabus impostos pela sociedade, que contribuem para a produção e manutenção do conflito do idoso para com a sua sexualidade. Muitas vezes a única saída possível ao idoso é reprimir os seus desejos, pois são elementos associados a conteúdos impróprios.

Os elementos kairológicos, como a sexualidade, passam a ser condicionados às alterações físicas da velhice, sendo suprimidos pelo idoso que passa a se abster dos seus próprios desejos. É fomentada uma representação social de que ser velho é perder a força e a potência, ocupando um papel de inutilidade social e ausência de prazer. Além do mais, gozar de momentos

bons é visto como uma experiência exclusiva para pessoas jovens e belas (Minó & Melo, 2021; Fonseca et al., 2021). Desta forma, quando a pessoa idosa percebe seus desejos atemporais pulsando em vida, acaba por reprimi-los.

Vale destacar que a possibilidade da pessoa idosa viver seus desejos e a sua sexualidade não exclui a consciência das alterações fisiológicas e físicas, e também não espera-se uma paridade de vivências e corpo como o da juventude, mas sim a aceitação da temporalidade individual do corpo, com limitações, mas também com potenciais, indo contra as representações sociais sobre a velhice. Como alternativa para que a pessoa idosa possa se apropriar de seus desejos, sem conflitos, “É preciso (re)pensar o idoso não apenas como um mero consumidor ativo, mas como um cidadão” (Minó & Mello, 2021, p. 292). É necessária não só uma mudança no imaginário social sobre a sexualidade na velhice, como também uma apropriação desta discussão por parte do Estado, convertida na forma de políticas públicas que possam promover espaços para discussão da educação sexual na velhice. O incentivo à educação sexual para pessoas com 60 anos de idade, ou mais, pode fazer com que estes sintam mais confiança em expressar e demonstrar o que pensam (Moura et al., 2019). Para que a desmistificação ocorra, é necessário um trabalho coletivo, que como produto, poderá trazer o reconhecimento e validação da sexualidade do idoso.

4. Considerações Finais

O presente estudo buscou compreender as relações entre corpo e sexualidade na velhice, analisando os conflitos presentes na relação entre as alterações fisiológicas próprias a esta etapa da vida e a presença de desejos que se mantêm vivos ao longo do envelhecimento. Nota-se que em cenário brasileiro vive-se o envelhecimento da população com tendência a um grande aumento do número de idosos nos próximos anos. O corpo passa por alterações características desse período de vida, cujas mudanças a sociedade se incomoda por atualmente vangloriar o jovem belo.

Na velhice, o Eu - que se estabelece pelo olhar do outro - tem, através do corpo, cada vez menos reconhecimento, deixando de ser visto como objeto de desejo. Ao olhar somente para o lado das perdas e ganhos “negativos da velhice” prende-se às marcas deixadas pela idade, não lhe assentindo ser mais uma pessoa desejosa e desejada, recusando-se a aceitar as transformações da velhice como naturais. Isto se contrapõe aos aspectos que todos têm que são atemporais: o desejo e a sexualidade.

A sexualidade se faz presente ao longo de todo o desenvolvimento humano, porém a presença dos diferentes tabus sociais acabam reprimindo as possibilidades de manifestações de prazer na velhice. Prega-se a ideia de que a sexualidade tem prazo de validade, e não como uma experiência que segue um registro kairológico, por ser individual e poder ser manifestado do momento que lhe é conveniente, não importando a idade objetiva do indivíduo.

Desta forma, o idoso pode vivenciar um conflito entre seu corpo marcado por inevitáveis alterações fisiológicas e a presença de desejos que não se findam com a chegada da velhice. Os homens idosos podem vivenciar o conflito entre a necessidade de perpetuar sua virilidade em um momento marcado por alterações físicas que incorrem em modificações na sua resposta sexual. As idosas advindas, na maioria das vezes, de um contexto de repressão ao longo da vida, são afetadas na velhice frente à imposição social de que se abstenham dos seus desejos.

A ciência também não pode se eximir da produção de conhecimentos sobre esse assunto ainda tão pouco explorado. Por isso, a finalidade deste estudo não foi esgotar o tema, mas sim servir como ponto para reflexões e despertar interesse pela produção de novos estudos de uma temática tão vasta e complexa. Dentre os pontos de discussão que merecem interesse acadêmico em pesquisas futuras, destacam-se as discussões sobre gênero, sexualidade e velhice contemplando o público idoso longo, investigando a vivência da sexualidade em idades avançadas. Destaca-se também a relevância de estudos sobre as percepções e abordagens de profissionais da saúde em relação à sexualidade na velhice. Ademais, produzir conhecimentos a respeito permite um contorno para o conflito que emerge diante do corpo cronológico e sexualidade kairológica, pois a conscientização corrobora com o contorno de sofrimento e desmonte de tabus.

Referências

- Aguiar, R. B., Leal, M. C. C., Marques, A. P. de O., Torres, K. M. S. & Tavares, M. T. D. B. (2020). Idosos vivendo com HIV - comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 575-584.
- Alencar, D. L. de, Marques, A. P. de O., Leal, M. C. C. & Vieira, J. de C. M. (2013). Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3533-3542.
- Almeida, L. & Bastos, P. R. H. (2017). O desvelar do significado do corpo envelhecido para o idoso: uma compreensão fenomenológica. *Revista Espacios*, 38(29), 23-32.
- Archangelo, A. A., Campanaro, C. R. & Villela, F. C. B. (2020). Chronos, Kairós e a temporalidade da pandemia - Confronto entre deuses e possibilidade de reinvenção do setting. *Jornal de Psicanálise*, 53(98), 27-40.
- Beauvoir, S. (1970). *A velhice: realidade incômoda*. DIFEL.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Nova Fronteira.
- Birman, J. (2015). Terceira idade, subjetivação e biopolítica. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22(4), 1267-1282. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702015000400007>
- Chaves, M. E. de C. & Aquino, E. M. L. (2021). Desigualdade de gênero e trabalho após a aposentadoria. *Revista Laborare*, 4(6), 152-171.
- Chung, E. (2019). Sexuality in Ageing Male: Review Pathophysiology and tratment strategies for various male sexual Dysfunctions. *Med Sci (Basel)*. 2019 Oct; 7(10): 98. 10.3390/medsci7100098
- Costa, M. C., Leite, E. de S., Costa, I. P., Sarmiento, A. M. M. F. & Moreira, M. A. S. P. (2015). Práticas interdisciplinares na promoção da saúde da pessoa idosa. *Revista Enfermagem da UERJ*, 23(6), 773-779.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. Atlas.
- Dornelas Neto, J., Nakamura, A. S., Cortez, L. E. R. & Yamaguchi, M. U. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12), 3853-3864.
- Evangelista, A. da R., Moreira, A. C. A., Freitas, C. A. S. L., do Val, D. R., Diniz, J. L., & Azevedo, S. G. V. (2019). Sexualidade de idosos: conhecimento/atitude de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. *Revista Da Escola de Enfermagem*, 53. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018018103482>
- Falcão Junior, J. S. P., Lopes, E. M., Freitas, L. V. de, Rabelo, S. T. de O., Pinheiro, A. K. B. & Ximenes, L. B. (2007). Perfil e práticas sexuais de universitários na área da saúde. *Escola Anna Nery*, 11(1), 58-65.
- Fávero, M. F., & Barbosa, S. C. S. (2011). Sexualidade na velhice: os conhecimentos e as atitudes dos profissionais de saúde. *Terapia Sexual*, 14(2), 11-39.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos Sonhos (Parte I e II), In *Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, In *Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). O estranho, In *Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer, In *Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 8. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Qualidades psíquicas, In *Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 23. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940).
- Fonseca, N. M., Pereira, A. R., Souza, M. S., Cruz, G. H. S. da, Souza, C. dos S., Medeiros, M. R. B., Lima, E. R. & Teles, M. A. B. (2021). Percepções e vivências de mulheres idosas sobre a sexualidade na velhice: a redescoberta da alegria de viver. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 25(3), 405-414.
- Fuks, L. B. (2008). Trauma, elaboração psíquica e desorganização somática. In R. M. Volich, F. C. Ferraz & W. Ranña (Orgs.), *Psicossoma IV* (pp. 35-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gatti, M. C. & Pinto, M. J. C. (2019). Velhice ativa: a vivência afetivo-sexual da pessoa idosa. *Revista do Nesme*, 16(2), 133-159.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. Casa do Psicólogo.
- Goldfarb, D. C. (2006). *Demências*. Casa do Psicólogo.
- Goldenberg, M. (2012). Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, 25(2), 46-56.
- Goldenberg, M. (2018). A invenção de uma bela velhice: em busca de uma vida com mais liberdade e felicidade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 21(5), 511-512.

- Gonçalves, A. T. M., & Vieira, I. N. (2010). Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo. *Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*. Recuperado em 28 de abril, 2022, de: <https://www.revistamirabilia.com>.
- Gomes, S. S. & Madureira, G. A. (2018). Paineis de experiências. Projeto Libidinais – Idosos e Sexualidade. *Mais 60 – Estudos sobre o envelhecimento*, 29(71), 102-108.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017*. Recuperado em 12 de maio, 2021, de <https://censo2021.ibge.gov.br>
- Lech, M. B. & Martins, P. C. R. (2003). Oscilações do desejo sexual no período gestacional. *Estudos de Psicologia*, 20(3), 37-46.
- Leite, I. & Castro, L. de (2019). *O silêncio dos homens* [Documentário-online]. Universidade de São Paulo.
- Levin, E. (1995). *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem* (6a ed.). Vozes.
- Lima, I. C. C. de, Reis Fernandes, S. L., Naves Miranda, G. R., Silva Guerra, H., & Gomes Oliveira Loreto, R. (2020). Sexualidade na terceira idade e educação em saúde: um relato de experiência. *Revista de Saúde Pública Do Paraná*, 3(1), 137-143. <https://doi.org/10.32811/25954482-2020v3n1p137>
- Lima, R. de O. (2018). Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. *Revista SUSTINERE*, 6(1), 106-133.
- Martins, J. C. de O., Aquino, C. A. B. de, Sabóia, I. B. de & Pinheiro, A. de A. G. (2012). De Kairós a Kronos: metamorfose do trabalho na linha do tempo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 15(2), 219-228.
- Mezan, R. (2008). Existe um erotismo contemporâneo? In R. M. Volich, F. C. Ferraz & W. Ranña (Orgs.), *Psicossoma IV* (pp. 35-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Minó, N. M. & Mello, R. M. A. V. de (2021). Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 32(1), 273-298.
- Moura, M. do N., Silva, C. F. T. & Santos, F. F. (2019). A sexualidade na terceira idade: o tabu que envolve os idosos. *Anais da 22ª Semana de Mobilização Científica*. Universidade Católica do Salvador, BA.
- Mucida, A. (2019). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice* (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Nasio, J. D. (2009). *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In L. Malloy-Diniz, L.F., Fuentes, D. & Cosenza, R.M. (Orgs.) *Neuropsicologia do envelhecimento: uma Abordagem Multidimensional* (pp. 17-42). Artmed.
- Nicolato, F. V., Santos, C. M. & Castro, E. A. B. (2017). Autocuidado e vivências do envelhecer de cuidadores familiares de idosos: contribuições para enfermagem gerontológica. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 11(1), 169-186.
- Kehl, M. R. (2003). As máquinas falantes. In: A. Novaes (Org). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, R. L. de, Pequeno, B. E. de M., Maconato, A. M., Veiga, D. de O. C. da, Almeida, S. K. R. de, Cavalcanti, T. V. C., Barros, R. R. de, Silva, I. F., Lima, I. N. de, Abranches, C. de A. F. & Oliveira, M. C. de (2021). Velhice e sexualidade na pós-modernidade: um estudo sobre o corpo e o prazer. *Research, Society and Development*, 10(2), <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12628>.
- Oliveira, P. R. S. P., Queirós, P. S., Mendes P. A. & Vendramini, A. C. M. G. (2021). Sexualidade de idosos participantes de um centro de convivência. *Revista Online de Pesquisa*, 13:1075-1081.
- Paim, F. F. & Kruehl, C. S. (2012). Interlocução entre Psicanálise e Fisioterapia: conceito de corpo, imagem corporal e esquema corporal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 158-173.
- Pascual, C. P. (2002). *A sexualidade do idoso vista com novo olhar*. Loyola.
- Pinheiro, T. F., Calazans, G. J. & Ayres, J. R. de C. M. (2013). Uso de camisinha no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica acerca da prevenção de HIV/AIDS (2007-2011). *Temas em Psicologia*, 21(3), 815-836.
- Ribeiro, J. C. (1962). *Vocabulário e fabulário da mitologia*. Martins.
- Risman, A. (2005). Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. *Textos Sobre Envelhecimento*, 8(1), 15-27.
- Santos, W. J. dos, Giacomini, K. C. & Firmo, J. O. A. (2019). Alteridade do corpo do velho: estranhamento e dor na Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4275-4284.
- Silva, E. M. da (2020). *Sexualidade na velhice: discurso sobre o aumento dos casos de HIV/AIDS na população idosa* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19258/1/EMS0302021.pdf>
- Silva, G. R. R., da Silva Acácio, J. S., da Silva, A. M. P., dos Santos, L. F. D., & de Carvalho Ferreira, D. (2021). Aspectos que influenciam a vivência da sexualidade pela mulher climatérica. *Revista Rede de Cuidados em Saúde*, 15 (2), 115-125.
- Silva, L. C. A. (2019). As implicações na aposentadoria na construção da identidade do idoso. *Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(8), 145-163.

- Soares, K. G. & Meneghel, S. N. (2021). O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(1), 129-136.
- Sousa, D. G. R. (2018). *A consciência do tempo - princípios de fenomenologia da temporalidade dinâmica*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Souza, M., Marcon, S. S., Bueno, S. M. V., Carreira, L. & Baldissera, V. D. A. (2015). A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito, *Saúde e Sociedade*, 24(3), 936-944.
- Uchôa, Y. da S., Costa, D. C. A. da, Silva Junior, I. A. P. da, Silva, S. de T. S.E. de, Freitas, W. M. T. de M. & Soares, S. C. da S. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 939-949.
- Vello, L. S., Popim, R. C., Carazzai, E. M., & Pereira, M. A. O. (2014). Elderly Health: perceptions related to the care provided. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem*, 18(2). <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140048>
- Vieira, K. F. L., Coutinho, M. da P. de L. & Saraiva, E. R. de A. (2016). A sexualidade na velhice: as representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 196-209.
- Wolf, N. (2018). *O mito da beleza, como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rosa dos Tempos.